

NARRATIVAS DE UMA CATADORA DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ, PR

Recebido: 20/05/2022
Aprovado: 28/06/2022

Geraldo Sebastião
Marques Junior

Mestrando em Desenvolvimento Territorial Sustentável pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Liliane da Costa
Freitag

Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

RESUMO

O presente artigo apresenta as narrativas de uma catadora de materiais recicláveis, obtidas por meio da metodologia da História Oral, com o objetivo de analisar as percepções que uma catadora, Dona Maria, possuía de si e de seu ofício nas ruas nos anos de 2017 e 2018. As narrativas obtidas recompõem a sua memória coletiva e individual, trazendo à tona outras questões importantes para os objetivos da pesquisa, tais como, o surgimento da possibilidade de utilização dos conceitos de gênero e memória para analisar sua trajetória.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero; História Oral; Memória.

Introdução

A catação de materiais recicláveis é marcada por desafios para as catadoras e catadores de materiais recicláveis que tem esse ofício como fonte de subsistência, ora nas ruas disputando lugar com os carros enquanto realizam a coleta dos resíduos, ora procurando ocupar o seu espaço dentro da cadeia de reciclagem, competindo com empresas, associações e atravessadores. De acordo com os dados compilados no documento produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2013, aproximadamente 90% de todo material reciclado no Brasil vem do trabalho dos catadores. No mesmo documento foi contabilizado o número de catadores ativos do período, entre 400 e 600 mil catadores de materiais recicláveis no território brasileiro¹.

Os desafios relacionados a esse ofício são apresentados e analisados a partir das narrativas de uma catadora de materiais recicláveis no município de Paranaguá, microrregião do Litoral do Paraná. O Município onde a pesquisa foi realizada, possui uma área territorial de 826,431 km² e conta atualmente com uma população estimada de 156.174 habitantes, sendo 169,92 habitantes por km². De acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Índice de Desenvolvimento Humano do município corresponde a 0,750, demonstrando um crescimento em comparação aos anos anteriores. Na área afastada do centro de Paranaguá é possível encontrar a Vila Santa Maria, bairro onde está localizada a ASSEPAR, a primeira associação de catadores de materiais recicláveis do município. A Vila é caracterizada por duas atividades econômicas: a produção agrícola e a coleta seletiva de resíduos sólidos urbanos e é na Vila Santa Maria, que Dona Maria, mora com seus familiares².

Dona Maria, como preferiu ser chamada durante as entrevistas realizadas entre os anos de 2017 e 2018, tinha 65 anos, natural de São Paulo, mãe de três filhos, era casada, morava em um bairro periférico do município e estava na catação de materiais recicláveis há 21 anos. Ao longo das entrevistas e das idas a campo, a catadora foi relatando os eventos que aconteceram em sua vida e como foi o início na catação. Ao estudar esses sujeitos, tal como Dona Maria, evidencia-se a dimensão social da História, pois trata-se de observar as relações sociais entre indivíduos do grupo ao qual Dona Maria faz parte, sendo esta uma parcela invisibilizada da sociedade. Com isso, buscou-se responder a questão da pesquisa: quais são as representações que essa catadora possui de si e do seu ofício perante a sociedade?

A História Social, campo onde esta pesquisa está situada, tem como objeto:

O Cotidiano de uma determinada comunidade ou grupo social [...] manifestando-se a preocupação em recuperar as formas de sociabilidade, os conflitos entre os indivíduos pertencentes aos vários grupos sociais, os entrelaçamentos ideológicos, e

1 Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, *Situação social das catadoras e catadores de material reciclável e reutilizável - Brasil*. Brasília, DF, 2013.

2 Cinthia Maria de Sena Abrahão, *Periferias urbanas-território de complexidades*. Litoral do Paraná: Reflexões e interações. 2011, p.111.

toda uma rede de aspectos que constitui inegavelmente um território mais definido da subespecialidade História Social³.

A transcrição das entrevistas e dos materiais que foram produzidos durante os anos de pesquisa e das idas a campo possibilitaram a utilização de conceitos como: memória e gênero, acarretando em uma análise significativa da trajetória dessa mulher e das suas especificidades enquanto um sujeito histórico concreto.

O artigo está dividido em seis partes, a primeira refere-se a introdução apresentada anteriormente, que traz a personagem da pesquisa, o campo historiográfico e o contexto da produção. A segunda, intitulada **Mulheres catadoras no Brasil** que apresenta o surgimento das catadoras de materiais recicláveis no país a partir da obra de Carolina Maria de Jesus e a discussão historiográfica sobre a participação das mulheres nessa prática por outros autores.

A terceira parte diz respeito à metodologia da pesquisa, intitulada **História Oral como método**, que traz as ferramentas utilizadas para a construção das entrevistas obtidas para a pesquisa e o referencial metodológico.

A quarta parte apresenta as **Narrativas de si e do seu ofício**, onde foram trabalhadas as entrevistas e narrativas de Dona Maria, personagem da pesquisa, que apresentam as narrativas acerca da sua prática e sua relação com a sociedade em que está inserida, ao narrar sobre sua atividade, ela também fala dos conflitos do seu grupo com a associação do município.

Os resultados da pesquisa e as possibilidades conceituais estão inseridas na quinta parte do artigo, intitulada de **Gênero e Memória na catação: possibilidades de análise**, pois foi a partir das análises que surgiram os conceitos de gênero e memória para investigar a trajetória dessa catadora de materiais recicláveis no município de Paranaguá.

E por fim, a conclusão, trazendo apontamento acerca das narrativas da catadora de materiais recicláveis obtidas por meio da História Oral, as possibilidades conceituais e de futuras pesquisas acerca das catadoras de materiais recicláveis no Brasil.

Mulheres catadoras no Brasil

A história das mulheres catadoras de materiais recicláveis no Brasil, surge a partir da obra autobiográfica de Carolina Maria de Jesus publicada em 1960. No período, Carolina, mãe de três crianças, negra e pobre descreveu sua experiência de catadora de papel entre as décadas de 50 e 60 na favela de Canindé em São Paulo. A subsistência da família dependia de Carolina e dos materiais que ela recolhia e vendia na época, tal prática diária estava diretamente relacionado com o a dieta alimentar

3 José D'Assunção Barros, *O campo da História: especialidades e abordagens*, 9 ed. Petrópolis, Vozes, 2013, p. 119.

da família. Em determinados momentos, quando chovia ou quando Carolina não se encontrava bem de saúde, a família não tinha o que comer e o que restava a ela para evitar que seus filhos passassem fome era pedir ajuda para os outros moradores da favela, o que muitas vezes era negado, pois de acordo com Carolina, o ambiente na favela não era muito acolhedor⁴. A história vivida e contada por Carolina representava a posição e o cotidiano que o catador, principalmente, a mulher catadora estava inserida.

Atualmente, histórias de catadoras de materiais recicláveis, assim como a de Carolina de Maria de Jesus, ou seja, mulheres que tiram o sustento de suas famílias a partir do trabalho com os materiais recicláveis, seja nas ruas ou nos barracões de associações de catadores, são compartilhadas em diferentes pesquisas. Conforme relatado, o trabalho na catação exercido pelas mulheres tem como principal função a do sustento e organização coletiva das famílias das catadoras entrevistadas⁵.

Ao longo do tempo e a partir do processo de organização política dos catadores em grupos e em associações ou cooperativas, a realidade vivida por catadores como Carolina foi modificada, pois a ocupação de catador foi reconhecida em 2002 e direitos para essa população foram conquistados. Entretanto, há muito que se avançar em termos de políticas sociais e econômicas para essa ocupação. Um dos fatores que demonstram essa necessidade de políticas públicas eficazes direcionadas para essa população é o número de mulheres exercendo essa prática. Essa *feminização do trabalho* está diretamente ligada à precarização da atividade:

a atividade de catação de materiais recicláveis surge como uma alternativa para a mulher frente ao desemprego e a exclusão do mercado de trabalho formal. Portanto, a falta de oportunidades e de qualificação profissional tem conduzido homens e, em maior número, mulheres para o trabalho com resíduos sólidos, representando uma possibilidade de promover sustento para a família. Além disso, o fato da maior parte das catadoras terem atuado em empregos tipicamente femininos e de baixo reconhecimento social, como mostram os dados sociolaborais, reforça a interface entre a feminização do trabalho e a precariedade⁶.

De acordo com os dados levantados pelo Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis⁷, 70% por cento dos catadores seriam mulheres em uma estimativa de 800 mil catadores no período. Para o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, o fato das mulheres serem a maioria dentre os catadores ocorre devido a essas mulheres administrarem seus lares, nesse sentido, acaba indo de encontro com a administração das associações e cooperativas, ocupando cargos de liderança nesses locais. Entretanto, assim como fora relacionado, a precarização do trabalho com a *feminização do trabalho*, o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis também

4 Carolina Maria de Jesus, Quarto de despejo: diário de uma favelada. - 10. ed. - São Paulo: Ática, 2014, 200p.

5 Izaque Machado Ribeiro *et al.*, Catadoras(es) de materiais recicláveis e as possíveis articulações entre trabalho precário e relações de gênero, 2012.

6 Alexia Pupiará Flores Coelho *et al.*, Mulheres catadoras de materiais recicláveis: condições de vida, trabalho e saúde, 2016.

7 Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, Mulheres são maioria entre Catadores de Materiais Recicláveis. Disponível em: <https://www.mnrc.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>

traz que apesar das mulheres exercerem, em sua maioria, os cargos de triagem dos materiais, sendo esse o núcleo principal da produção, acabam recebendo valores inferiores aos dos homens, já que esses realizam trabalhos mais “pesados” dentro das associações, como a operação do maquinário e transporte dos materiais.

Em Paranaguá, o registro sobre catadores de materiais recicláveis, data da década de 70 nas notícias do jornal Tribuna estando relacionadas ao antigo lixão do Embocuí.⁸ De acordo com a autora, em 1973 se dá início a utilização de um terreno enquanto lixão e pessoas desempregadas procuravam resíduos sólidos como fonte de renda. No Plano Municipal de Saneamento Básico, os catadores são tratados como pessoas responsáveis pela coleta seletiva:

Em Paranaguá, a coleta seletiva foi implantada pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente e acontece desde 2007, por meio de dois sistemas de coleta seletiva: o formal, realizado [...] pela associação da Vila Santa Maria e, o informal, realizado pelos catadores no lixão do Embocuí e pelos carrinheiros e carroceiros pela cidade⁹

História Oral como método

A metodologia utilizada no trabalho foi a História Oral proposta por Verena Alberti, de acordo com a autora, a história oral permite traçar um inventário acerca das práticas e relações dos atores sociais com o seu grupo e com a sociedade, assim como o seu sentimento de pertencimento no grupo. Optou-se por utilizar o tipo de entrevista reconhecido enquanto História de vida, pois seria a partir da trajetória de Dona Maria que poderiam ser realizadas as análises acerca de como ela percebia o seu ofício, a sua relação com os outros catadores e como foi que ela adentrou no universo da catação. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, que foram realizadas no centro de Paranaguá, onde Dona Maria coletava e agrupava os sacos contendo os materiais em frente a um ponto comercial que estava fechado no período. A construção dessas entrevistas se deu a partir de um processo dialético, onde entrevistador e entrevistado precisavam estar dispostos a uma formulação coletiva, sendo assim, os entrevistados também podem questionar o entrevistador durante o processo. Sobre a seleção dos entrevistados, Verena Alberti, afirma que este processo:

[...] se aproxima, assim, da escolha de “informantes” em antropologia, tomados não como unidades estatísticas, e sim como unidades qualitativas - em função de sua relação com o tema estudado - seu papel estratégico, sua posição no grupo.¹⁰

8 Elizangela Wroniski, *Depois de 32 anos, lixão de Paranaguá será extinto*. Tribuna de Paraná., Curitiba, 18 março 2005. Disponível em: <https://tribunapr.uol.com.br/noticias/parana/depois-de-32-anos-lixao-de-paranagua-sera-extinto/>.

9 Paranaguá, *Plano Municipal de Saneamento Básico*. Volume II, 2011. Disponível em: <https://www.paranagua.pr.gov.br/conteudo/secretarias-e-orgaos/meio-ambiente-e-servicos-urbanos/plano-municipal-de-saneamento-basico>. Acesso em: abril de 2021.

10 Verena Alberti, *Manual de História Oral*. 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

Ao todo foram inventariadas oito entrevistas ao longo de seis meses de idas ao encontro de Dona Maria. Em um primeiro momento, com as idas a campo e da observação dos sujeitos, forma elencados possíveis entrevistados, mas apenas Dona Maria quis participar da pesquisa e relatar a sua história de vida.

Narrativas de si e do seu ofício

Ao narrar sobre si, dá significado ao seu mundo e ao grupo que faz parte, pois expressa quais visões esse grupo tem acerca da sociedade, dos outros catadores, das cooperativas e dos poderes públicos. De acordo com Peter Burke, o conceito de narrativa, busca compreender não só as estruturas sociais onde os sujeitos se encontram, mas ao mesmo tempo pretende analisar o papel desses sujeitos nos acontecimentos e na sociedade. Burke, utiliza da expressão do antropólogo Clifford Geertz de “descrição densa”, para desenvolver uma proposta de narrativa que tenha como objetivo uma análise mais específica acerca das narrativas dos sujeitos históricos¹¹.

Dona Maria, mulher de 65 anos na época, mãe de 3 filhos, cuja trajetória é de luta pelo sustento de sua família, companheirismo com os outros colegas de ofício e alegria no olhar de quem acredita que seu ofício, nasceu e cresceu em São Paulo, veio para Paranaguá junto com sua mãe e sua irmã. Na época, resolveu vender seus bens e tentar a vida no Paraná. Quando questionada sobre o que é ser uma catadora, ela explicou que, ser uma catadora é um serviço normal, como outro qualquer. Disse que não entende por que as pessoas discriminam o seu ofício, ressaltando a importância do trabalho que faz, Dona Maria prontamente tratou de destacar que seu ofício contribui para a sociedade na medida em que deixa as ruas mais limpas.

Apesar de trabalhar com resíduos sólidos recicláveis que acabam se misturando com alimentos e outros tipos de resíduos que geram sujeira, Dona Maria se auto-identificou como uma “trabalhadora limpa”. Relatou que prezava pela limpeza e que gostava de “trabalhar no limpo” utilizando luvas e reservando tudo que não ia utilizar, dentro de sacolas. Essas afirmações deram a entender que tratava-se de uma trabalhadora que identifica-se com seu ofício.

As representações de si e de seu grupo de companheiros dentro da sociedade, são sempre destacadas de forma positiva. Para Dona Maria, não há vergonha no ato de catar. Pelo contrário, seu ofício adquire, para ela, uma função social importante no conjunto da sociedade. Dona Maria contou ainda que estava exercendo esse importante ofício a mais de 21 anos, passando por vários desafios durante a vida e diante disso precisou recorrer à coleta de materiais recicláveis. Isso aconteceu depois que o marido adoeceu, fato que comprometeu em muito a renda da família.

Dona Maria contou que o primeiro lugar onde obteve o contato com a coleta de resíduos

11 Peter Burke, *A Escrita da História*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, 360pp.

recicláveis foi dentro de um local conhecido como o antigo lixão de Paranaguá, localizado no bairro Imbocuí. Aos arredores desse local, se desenvolveu a Vila Santa Maria, lugar onde Dona Maria, o marido e dezenas de famílias mais pobres e excluídas das políticas públicas de saneamento e saúde, habitam. Durante as entrevistas, ela relatou que antes de morar na Vila Santa Maria, residia em outro bairro do mesmo município. Em um determinado dia, uma amiga, que coletava material reciclável no antigo lixão, a convidou para realizar a coleta. Desde então, ela vem exercendo esse ofício, pois encontrou no que era descartável para algumas pessoas, seu ofício e seu lugar na sociedade.

Nesse sentido, é por meio das experiências vividas no antigo lixão e das relações desenvolvidas no processo do catar, que Dona Maria analisa a sociedade e define quais são os anseios dos moradores da sua Vila Santa Maria. Portanto, as falas de Dona Maria consistem em narrativas que atribuem sentidos e identidades. Dona Maria se auto identifica como catadora de materiais recicláveis, mas também disse que poderia ser chamada de “recicladora” uma dona de casa e uma pessoa feliz. Conforme relato de Dona Maria:

Pode vir, eu sou a mulher, eu sou a catadora mais conhecida daqui. Todo mundo gosta mim. Todo mundo “Oi, tia”.. Porque eu sou assim, não tem tristeza.. Teja bom, teja ruim, pra mim tá ótimo. E feliz.. eu sou feliz! Você pode ver que toda vez eu tô sorrindo [risada]. Eu converso.. essa daqui [aponta para a catadora que estava acompanhando a entrevista] sofre na minha mão, judio dela, judio mesmo, porque ela tem que aprender, que nem eu assim, ela é muito quietinha, tem que ser que nem eu, extrovertida assim. Todo mundo que passa: “Ai ai ei Dona (nome retirado)”, “Oi guria do saco”, “Oi mulher do saco” [risadas].¹²

Ao falar sobre si enquanto “catadora mais conhecida”, Dona Maria também fala sobre as representações que possui de si. As representações para Chartier consistem em práticas que são realizadas pelos sujeitos com o intuito de produzirem sentidos. Através de práticas, estabelecidas pelo grupo, os sujeitos que o compõem incorporam os sistemas de classificação do mundo social e as reproduzem, legitimando a sua própria identidade e estabelecendo o lugar do seu grupo na sociedade. Moldando, portanto, os olhares do espectador, que procura classificar determinado grupo, aqui referindo-se a população de catadores de materiais recicláveis. De acordo com ele, os sujeitos utilizam dessas representações para constituírem suas práticas cotidianas, analisando e ressignificando o mundo social. Práticas que ocorrem sempre em um campo de disputas simbólicas, entre as identidades sociais existentes, para a hierarquização da estrutura social.¹³

Portanto, ao relatar sua história de vida, o sujeito reconstrói a si mesmo, definindo seu lugar social e suas relações com os participantes de um mesmo grupo. Dona Maria também relatou sobre sua jornada de trabalho diária e sua perspectiva para o futuro:

12 Dona Maria. *Entrevista concedida a Geraldo Sebastião Marques Junior*. Paranaguá, 20 de julho de 2018.

13 Roger Chartier, *O mundo como representação*. Estudos avançados, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991

A gente sai 7 horas da noite.. as pessoas que fala assim “comé que você aguenta?”, daí “quantos anos você tem?” eu digo “ah, tenho tanto” e ela “como é que você aguenta?”. eu falo “tem que aguentar né?”. Isso até a hora só que Deus.. a hora que eu começar a andar de bengalinha, aí eu paro. (Informação verbal. Dona Maria, 2018)

Gênero e Memória na catação: possibilidades de análise

Durante a análise das entrevistas coletadas, foi possível identificar as possibilidades conceituais que permeavam a pesquisa, tais como o *gênero e memória*. A memória é expressa nas narrativas enquanto “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimento de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades”¹⁴. Com isso, entende-se que Dona Maria, ao narrar sobre sua trajetória e sobre o grupo ao qual fazia parte, ressignificava parte da sua memória individual em diálogo com a memória acerca do grupo em que estava inserida, na medida em que relatava sobre os problemas com a associação do município que não os deixava fazer parte dela, assim como da relação do seu grupo com a sociedade de Paranaguá, esta reconhecida através da relação com os lojistas e de pessoas que passam por perto dela, olhando com receio ou repulsa da sua atividade:

Agora não, mas no começo, porque faz 3 anos que eu trabalho aqui. No começo tinha gente que olhava pra isso aqui e ‘ui, virou um lixão agora aqui’ ‘ui que fedor’, ai eu falava ‘AMÉM’ [risadas] Eles pensam, assim, querem comparar a gente, eu ou as duas senhoras que tavam trabalhando comigo.. que nem esses, essas pessoas que tão na rua, jogado, sabe? Mas não, nós trabalhamos, porque precisamos. (Informação verbal. Dona Maria, 2018)

De acordo com Pollak, há uma seletividade em relação à memória, a partir de Halbwachs:

Maurice Halbwachs insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memórias individuais: “Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.”.

Portanto, ao trabalhar nas ruas e por não estar filiada em uma associação, assim como o seu grupo, Dona Maria se conecta e conecta a sua memória individual à memória coletiva do grupo, agindo como a matriarca do grupo, sendo responsável pelas pessoas mais novas e por ser a porta voz do coletivo em que está inserida. De acordo com Dona Maria, sobre a associação do município:

14 Michael Pollak, Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

[...] aquela (associação) lá não querem, elas querem escolher as pessoas pra trabalhar e tem tanta gente carente lá e ela não quer pegar outras pessoas, ela quer escolher, como é parente.. entendeu?

Ao falar sobre o sentimento que tem em relação a associação, Dona Maria fala sobre o sentimento de exclusão que sente com a associação e do seu grupo com a associação também. Dona Maria relatou sobre a criação da “cooperativa” que ela e seus companheiros montaram com o fechamento do antigo lixão do municípios. Apesar de não ser formalmente uma associação ou cooperativa, para ela, o seu grupo representa o local que a excluiu, relatando também que está com ela no dia a dia:

Fecharam, daí nós montamo uma cooperativa pra nós trabalhá, se não não tem como sobrevivê. Cê vê nossa Vila lá, Santa Maria, é péssimo. Tudo pessoa carente. Não tem nenhum jeito. [...] trabalhando, porque cooperativa é muito pouco. Aqui a gente já pega um pouquinho mais. [...] Eu por enquanto tô sozinha, nós tamo.. nós somos em seis, mas uma tá viajando, a outra não veio hoje, que é aquele casal que fica aqui comigo.. e os outros tão trabalhando no caminhão, junto com o rapaz que vem me buscá. Eu acho melhor trabalhar assim como eu tô.

Já a utilização do conceito de gênero torna-se importante, na medida em que o conceito é um termo que não implica exclusivamente desigualdades entre masculino e feminino, mas em observar homens e mulheres enquanto sujeitos históricos legítimos. Para Joan Scott,

O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os(as) historiadores(as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política.¹⁵

Nesse sentido, torna-se necessário descrever as relações que Dona Maria tem com a sociedade a partir dos seu lugar enquanto mulher e o que está condicionado a ela enquanto mulher, desde a administração da sua casa até o papel de matriarca do grupo e como ela atua, ressignificando esses ideais pré-estabelecidos.

15 Joan Scott, *Gender: a useful category of historical analyses*. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

Conclusão

A pesquisa, ao trazer à tona as narrativas de Dona Maria, catadora de materiais recicláveis em Paranaguá, possibilitou a utilização de conceitos como *gênero* e *memória* para a temática dos catadoras de materiais recicláveis. Além disso, foi possível compreender como essa catadora enxerga o seu ofício, seu grupo de catadores e sua relação com a sociedade em que está inserida, assim como o papel das políticas públicas para a garantia dos direitos e da questão social e econômica desses sujeitos historicamente marginalizados, como Carolina Maria de Jesus. Portanto, criam novas perspectivas para se trabalhar com tais sujeitos, abrindo possibilidades de novas pesquisas no campo da História.

Apesar do discurso otimista de Dona Maria, os catadores de materiais recicláveis ainda se encontram sem lugar dentro da sociedade. Conforme demonstra o documentário “Ilha das Flores”. A esses sujeitos é delegado todo o rejeito da população. A sociedade não se importa ou não quer enxergar que o lixo é responsabilidade de toda uma coletividade. Nesse sentido, parece que todo o lixo é de responsabilidade desses sujeitos, que pouco ou nada conhecem sobre seus direitos. Eles não vivem, somente sobrevivem, pois fazem parte da parcela invisível para a história e para o Estado. O dinheiro que conseguem, quer seja coletando para si, para atravessadores (como exemplificado em nosso estudo de caso) ou para cooperativas não os garante uma renda fixa. O aumento de resíduos, resultando na produção mundial de 2 bilhões de toneladas por ano, de acordo com a Organização das Nações Unidas, é proporcional ao aumento da pobreza em nosso país. Os catadores de materiais recicláveis, cujos conseguimos conversar, se entendem enquanto trabalhadores essenciais para a sociedade, e, muito embora Dona Maria não se perceba como tal, ela e seus pares são excluídos pela sociedade.

Nesse sentido, cabe ressaltar a importância das políticas públicas e de ações de fiscalização sobre a implementação das diretrizes nacionais e internacionais para resíduos sólidos, bem como de uma educação ambiental, cujo o foco deveria colocar esses sujeitos como protagonistas da preservação do meio ambiente e do bem estar da sociedade. As cooperativas, que pesem algumas críticas, são ainda uma porta de acesso ao reconhecimento formal do ofício catador. Contudo, ao final dessa etapa de pesquisa, a leitura crítica dessas realidades revela a fragilidade da condição de vida do catador. Esses cidadãos são considerados de segunda classe e, mesmo aqueles que possuem um teto para viver, não desfrutam de direitos conquistados pela sociedade.

Convém ressaltar que a vida material para a concepção materialista da história é base da explicação histórica, mas não a explicação histórica em si. O estudo de caso confirmou por sua vez a inseparabilidade entre o econômico e o social. Os indivíduos fazem a história, mas para fazer história enquanto sujeitos de direitos, precisam comer, beber e ter um teto para morar, assim, conseguindo suprir suas necessidades primárias. Aqui se trata de pensar que os sujeitos tecem estratégias para sobreviver.